

BARCELLOS, 12 de fevereiro de 1899

VII Anno

Typographia Barcellense

Editor: José P. da Silva

A Lagrima

Numero 13

Rua Barjona de Freitas

QUINZENARIO ILLUSTRADO

DR. FERNANDES BRAGA

Caracter de fina tempera, que allia, em singular e admiravel consorcio, a doçura e a firmeza; intelligencia perspicacissima e profundamente illustrada; coração de puras e nobilissimas intenções, aberto a todos os sentimentos generosos, o dr. Antonio A. Fernandes Braga, deixa na comarca de Barcellos um rasto de impereciveis saudades.

Barcellos tem tido á frente do seu corpo judiciario magistrados illustres — que honram a magistratura judicial — e que tem deixado de si gratas recordações; mas muito poucos ou talvez nenhum tenha conquistado tantas e tão geraes sympathias e tenha sabido cercar-se de tanta e tão elevada consideração.

E' que o dr. Fernandes Braga é simultaneamente um juiz austero e um homem affabilissimo, um magistrado inquebrantavel e um coração generoso, é justo mas equitativo.

Sabe, como poucos, temperar a severidade da justiça com a suavidade da sua administração.

O alto e espinhoso cargo que occupa é para elle um sacerdocio, que desempenha com superior competencia e inexcedivel dignidade.

Pelo seu proceder correto e alevantado, pela inteireza do seu caracter, pelas peregrinas e brilhantes qualidades do seu espirito impõe-se ao respeito de todos e conquistou n'esta comarca um nome respeitabilissimo e prestigioso.

E estas qualidades que o tornam na sociedade um magistrado distincto e um homem respeitado mais se salientam e engrandecem no seio da familia — que é o seu enlevo e de que é o chefe querido.

Quem o surprehender na intimidade do seu lar adquire por elle uma admiração respeitosa, que toca os limites da veneração, porque a sympathica modestia que o caracteriza só ahi deixa brilhar, em todo o seu esplendor, as formosas qualidades do seu espirito.

Augusto Monteiro

Antonio Leite

A «Lagrima» para dizer que se encontra n'esta villa Antonio Leite, queria fugir aos habitos da *reportage*; que rezam imperturbavelmente assim:

«Acha-se n'esta villa o nosso dilecto amigo Antonio Leite.

«Está em Barcellos, e na casa de seu bom tio, o nosso prestimoso amigo Antonio Leite.

«Encontra-se entre nós a passar alguns dias o nosso intimo amigo Antonio Leite, a quem tivemos o gosto de cumprimentar.

*

Antonio Leite o fundador da «Lagrima», e que boas risadas deu aos leitores d'este quinzenario, nas gravuras em louza que desenhara e abriu, e nella foram publicadas, completando tão bem o sentido dos escriptos, — não deve ser recebido festivamente só com as banalidades do dia a dia jornalístico.

Antonio Leite era o mais popular collaborador d'este periodico, porque a gravura não era só muito apreciada, no seu tom pinturesco, pelos letrados — egualmente pelos analphabetos, que a *liam* com os olhos arregalados.

Considerando, pois, a «Lagrima», que deve receber originalmente o seu fundador, cae-lhe nos braços e dá-lhe um beijo.

Beija a mãe o seu filhinho
Beija a aurora a madrugada,



A LAGRIMA

A «Lagrima» o fundador
Com ternura endiabrada.
Beija-o mui donairoza
Beija-o toda garbosa
Como á petala da rosa
Beija a brisa, rociada.
Beija a «Lagrima» o fundador
Nosso amigo Antonio Leite,
Mas com beijos que traduzem
Affecto, gosto, deleite.

O novo Juiz de Direiço — um velho, fresco, «alegre e prasenteiro» — houve por bem determinar, voccalmente, que não consentia no tribunal, na parte reservada ao publico, mais gente além d'aquella que comporta os bancos para ella destinados.

Isto impressionou deveras os *habitos barcelenses*, dando logar a referencias algo chistosas nas ociosas cavaqueiras de Barcellos, desde as da loja do Povo ás do Thomaz, e das d'este ás do operariado, no Azevedo...

A «Lagrima», que apoia todas as medidas extravagantes, dando-lhe ellas motivo para largas de prosa, acata a resolução do dr. Couceiro e, em vez de lhe beijar respeitosamente as mãos, abraça-o familiarmente, pela sua lembrança.

Ha só um additamento, que este quizenario pode á *sentença* proferida por s. ex.^a:—Quando as bancadas, a que nos referimos, estiverem litteralmente occupadas, um official de diligencias colloque, em logar bem visivel, uma taboleta com o seguinte dizer, em lettras garrafas—**COMPLETO.**

Dá ao tribunal um sabor *d'americano*...

Dous jovens, a quem os rigores do frio não apagam o *brazido* do coração, deram á ultima hora em levar de vencida a ultima camada de *dandys*, na originalidade de namorar...

As suas amadas moram para os lados do Senhor do Bomfim, e porque não possam de perto fallar-lhes e, menos, fazer-lhes chegar ás mãos d'estas, cartas que cheiram a violeta e tresandam á asneira, procuram para o grande mal um enormissimo remedio.

Como a casa dos derrickos tem vistas sobre as trazeiras e estas se descobrem muitobem do Patarro, os nossos patuscos despem os cacacos e sobem ali aos mais altos pinheiros, zombando do frio, do vento e da chuva, e como macacos fazem monices e vêem-se acenando com lenços, e despedindo beijos ao sopro das correntes—afim de que vão, como setas, *cravar-se* no sanguineo coração das sympathicas meninas.

Como não ha bem que sempre dure, nem mal que nunca acabe, um dia d'estes o pae d'ellas surpreendeu-as no *colloquio* das trazeiras para os pinheiros e emquanto ao longe os má-

ganões do alto deseiam para terra, de entre as resinosas pinhas, ao mesmo tempo *descia* sobre as donzellas um lanheiro desaparecido.

Realmente é caso nunca visto, a paixão do ambr levar a gente a procurar os canos das arvores para se empoleirar n'elles como pèto, e de lá fazer a applicação do telegrapho sem fio... mandando pelo ar palavras apaixonadas...

ALBUM DA «LAGRIMA»

Ahi vae um annuncio manuseripto que nos veio á mão e no qual seu auctor—o sr. José Pereira, d'Alvellos—declara vender uma propriedade «não por falta de dinheiro» mas, necessariamente, por precisar d'elle.

Não façam caso do portuguez desrabado em que é escripto, porque o sr. Pereirã estava tão atrapalhado quando o fez, por causa de umas «ingratições» com que lhe pespegaram, que nem sabia aonde tinha a cabeça.

«Vende-se o Eirado no lugar da Giam, ou se arenda tudo a quem mais der, quem quizer pode se fallar com o seu dono Joze Pereira da freguezia de Alvellos podem procurar ao meio dia as quintas feiras ao pé da Maria Saleira no Campo da feira. lugar do antigo Esperito Santo, Vende-se por cauza de engratições, que tenho sofrido; Não por falta de dinheiro, na occasião»

N'um nicho d'alminhas, na freguezia de Paçõ, concelho de Ponte do Lima, lê-se o seguinte:

OVOS QUE HIDES PASSANDO LEMBRAIVOS DENOS QUE ESTAMUS PENANDO COM UM PADRE NOSSO

Estão melhor penando com um padre d'ellas, do que soffrendo os horrores do fogo do purgatorio.

Historia de Portuga. Temol-a recebido regularmente, por intermedio do seu activissimo agente o sr. Manuel de Faria. Aquillo não é só uma historia; é tambem um album contendo retratos e monumentos, a que está preso o nosso passado. 60 réis por semana.

A guerra hispano-americana, que entre nós não deixou sangue, ruinas, luto—mas alguns generos caros—instruiu o povo em nomenclatura technica de petrechos de guerra, taes como *canhoteiras*, explosivos *birbantes*, etc...

Tambem não foi elle alheio ás influencias da chorographia e topographia, decorando nomes de ilhas, cidades, villas... Ouça-se o nosso amigo Trompa que lastimava ha semanas a

A LAGRIMA

desditas da Hespanha e chorava a sorte dos filipinos.

E a proposito dizia elle:

—«A Hespanha já perdeu, de vez, as *Sen-tinas?*..»

A pobre Hespanha, coitada,
Teve sortes mui uofinas;
Depois de perdas tamanhas
Perde as ilhas Filipinas.

O Trompa referindo o caso
Da mais medonhas das sinas
Diz mui mesto e lacrimoso
«Lá perdeu mais as „*Sen-tinas*“

O Francisco Carvalho, barbeiro, tão entusiasta pela *Musica da Villa*, como muitos outros, ouviu que a philharmonica passava, tocando um ordinario, na rua direita.

—«*Que linda marcha!*... exclamou em um paroxismo de enthusiasmo, para os circumstantes, *se os musicos já levassem a farda nova... é que sobressahiria bem!*...»

Devemos advertir que na occasião a banda Barcellense ia mudar de uniforme que é o que hoje usa.

Alto lá, ó Sê Carvalho
Bem se vê que é um alho,
Em questões de fun-gá-ga:
Se a «marcha» era em *sol*
Ia a farda em *si be-mol*,
O bonet tocava em *fa*.

Se os musicos trajam bem
Tocam melhor fatalmente
Por que uma das condições
P'ra boas execuções
E' vestir bem e decente.

Joaquim do Souto quando dá aos folles, em casa de seu mestre serralheiro, pára ás vezes— não para tomar folego e proseguir na lufa-lufa do dia, que lhe encarvôa a cara e lhe esquento o corpo, mas para dar uns ais compassados, que são uriuídos do seu coração.

Joaquim tem duas paixões—a do clarinete, que toca na Barcellense e a do amor, que dedica a uma moça d'esta terra.

Ha muito tempo que ao *novelho* muzico se-duzem os verdes da banda dos Bombeiros e a ultima hora confessa essa sua predilecção.

O rapaz ja não era muzico na Barcellense nem por vontade dos paes nem pela dos tios e porisso tudo concorreu para a realisação dos seus desejos de passar de alma, coração e clarinete, para a banda que o nosso amigo Val-longo dirige.

Alguem quiz evitar tal passo e conseguiu que o namoro do Joaquim o auxiliasse... De-

pois, porém, dê juras ás mais ternas—a que não foi alheio o instrumento—que a rapariga arrancara ao seu amor, nunca desmentido, alguma cousa se conseguiu e o Joaquim mostrou-se arrepenhido, cabisbaixo, prometendo não ser transfuga e na casa da sua querida se conservou até altas horas da noite.

Enquanto se dava isto, os seus tios e paes, notando a auzencia do nosso muzico, deram-se pressa em o procurar, com tal caracter, como se estivessem a contas com a fuga d'uma menina da menor idade, toda ideal e sonhadora!...

Ao mesmo tempo que Joaquim fazia pro-ligios de retentiva, assobiando de cór meiguices de clarinete choroso e persistia á sua amante na jura de nunca usar sobre o corpo a farda dos bombeiros,—já os parentes, que são regeneradores, por meio do mestre do nosso heroe, que é progressista, conseguiram do sr. administrador uma busca a varias casas—collocando o sr. Domingos Figueiredo na esphera da influencia do clarinete...—afim de que se lhe deparasse vivo e são o Joaquim. Este, porém, nada de apparecer, zombando do faro policial.



Já muito tarde—estava escuro como um prégo—a chuva rufava desapiedada de encontro ás vidraças do casario da villa, quando Joaquim se vê a contas com um emissario que lhe descrevia o feio papel que lhe estava talhado, caso deixasse a banda Barcellense, e para o distrair foi-lhe promettida uma viagem de

A LAGRIMA

recreio ao Porto, no dia seguinte ao d'esta historia—que elle acceitou, ficando de esperar que o chamassem, em casa do auctor de seus dias, á hora de poder sair para o comboio das 6 da manhã.

Despediu-se do namoro, accendeu um cigarro de dez, virou a golla do casaco para cima e as abas do chapéu para baixo e tomou o caminho de Santo André de Barcelinhos, mais lesto que uma lebre, perseguida por galgo...

Pelo seu cerebro passavam alluviões de duvidas.

Lebrava-se da forja e das labaredas azuladas do carvão de pedra; fazia viver na imaginação os promettimentos feitos, pela sua honra e pelo seu clarinete, de não faltár ao pedido da amada; pensava na paixoneta pela muzica dos bombeiros.

—«Quanto me não seria melhor têr *embocadura* para a corda d'um sino. Só o João Chrysostomo não tem anti-partidarios na sua muzica de sinos!»

No meio da ponte fitára a corrente barrenta do Cavado, dizendo para si mesmo:

«... se aquella agua que passava
outra vez não regressava
subindo a margem tambem?»

De novo a caminho e em eaza, procurou silencioso a câma, tendo primeiro descalçado os tamancos, para em meias deixar de ser sentido, o que não conseguiu em vista de ir de encontro a um cantaro de lavadura, quebrando-o e encharcando-se n'ella, dando isso logar a despertar os pais, que o chamaram ao *rego das cousas sérias*, fazendo-o cumprir os seus desejos e os d'elles.

Adeus namorada; adeus passeio ao Porto!...

*

Pela manhã cedo dous embuçados batiam desesperadamente á porta do Joaquim. Iam ehamal-o para o comboio.

O pae encarregou-se de os despedir, dizendo que só elle mandava no filho e não sabemos se no seu clarinete.

*

Joaquim é hoje muzico dos bombeiros.

Um dia d'estes atravessava elle fardado na ponte, e foi interrogado pela amante sobre o modo de proceder:

—«Então é esse o amor que me tens? O meu regalo éra atirar-te o *bonet* ao rio.»

Duas lagrimas de desespero lhe caíram pelas faces, tão grandes, tão graudas, que de prompto avolumaram o rio.

*

Aqui tem os srs. a triste historia d'uma namorada e d'um clarinete.

Que a terra lhes seja pezadal

A «Lagrima» regista, muito contente, a resolução tomada pelo exm.º sr. dr. Ferraz de não tolher, com amputações desnecessarias, as arvores publicas,—deixando-as crescer livres para o ar.

Assim o fizeza, a pedido d'este quizenario, em 1898, o exm.º sr. dr. Augusto Monteiro.

S. ex.ª mais tenciona arborisar, como convinha, o nosso C. da Feira, assumpto que, com muito interesse aqui tratámos.

Lembramos-lhe, agora, a *chocolateira* do lago do nosso jardim...

Que é aquillo que fere como setta hervada,
Corta, suja, retalha, thesoura amollaça?

Será ferro?

Ou será aço?

Nem sequer dureza tem.

E' branda por natureza

Assim como a marmellada,

A's vezes torna-se doce,

Mas outras bem azedada

Ferindo até o coração

N'elle se sente a picada,

Porém não deixa vestigios

Onde passou a estocada.

Rubras são as suas margens

De perolas circundadas,

Umaz vezes alvacentas,

Sendo outras amarelladas.

Decifração das ultimas adivinhas—ARANHA—GODO.

NOTAS DIVERSAS

N'outro dia o Miscambilha ouviu da freguezia da Pousa, d'este concelho, dobrar os sinos da parochial egreja de Barcelinhos.

Ouviu com um oculo de mira.

Não admira, ainda ha pouco o Brito, da Silva, viu d'esta freguezia a olho nu um trolha sobre o templo do Bom Jesus do Monte, de Braga.

Sim. Naturalmente com corneta acustica.

* *Pede-nos un assignante para propormos ao Silva a resolução d'este problema, visto elle saber muitas contas de caixaria. Se o resolver offerece-se lhe uma lapizeira de prata.*

Vinos a elle: «¿Custando uma duzia de ovos 240 réis, a como vem a ficar cada ovo?»

* *As carecas e as sopeiras. Na ultima semana uma sopeira ladina perguntou n'um estabelecimento de fazendas de lá, d'esta villa, se havia queijo para vender. Como a resposta fosse negativa, «Que não havia», a rapariga apontou para a careca do individuo que estava á frente da loja e disse: «¿Então para que tem o queijo á amostra?»*